



**TRAJE A RIGOR: QUESTÕES DE IDENTIDADE E MODA NO CONTO ESSÊNCIA,
DE LUCI COLLIN**

Francieli Lubina Kraiczek¹

Resumo: Nos dias atuais discutir identidade se tornou um tema controverso, devido às mudanças observadas quanto a sua construção para o sujeito. Se no passado a identidade era considerada unificada e estável por ser originária basicamente do processo produtivo, tornou-se fragmentada na atualidade, na medida em que o sujeito constrói a identidade a partir de diferentes fontes, dependendo das atividades que ele exerce na sociedade e tornando-as, muitas vezes, contraditórias entre si. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo verificar este processo de fragmentação da identidade a partir da vestimenta do sujeito. Para isso, faremos um estudo do conto *Essência*, da escritora paranaense Luci Collin, elucidando a influência da moda/roupa na (trans)formação do personagem, a partir desta nova compreensão do conceito de identidade no pós-modernismo. Para tanto, buscaremos respaldo teórico nos escritos de Stuart Hall e Kathryn Woodward que tratam em seus estudos das questões voltadas à identidade e de autores como Diana Crane, Gilda de Melo e Souza, Gilberto Freire, entre outros, no que diz respeito à teoria relacionada à moda, desde sua história até sua contribuição para a sociedade e para os sujeitos.

Palavras-chave: Identidade; Vestimenta; Literatura.

1. Introdução

A moda/roupa² é um fenômeno social eclético e é capaz, de acordo com a sociedade patriarcal, machista, moralista, na qual vive, de classificar e definir pessoas quanto à classe social, sexo, idade, entre outros aspectos. Pode também ditar comportamentos e, por isso, marcar gerações, como, por exemplo, o caso do espartilho, a camiseta, o jeans, etc. Por outro lado, roupa também pode atribuir identidades e personalidades diferentes às pessoas que as vestem, assim como carregar, através dos puídos e odores, a presença e a memória de quem as habitou (STALLYBRASS, 2008, p. 66). Em suma, a escolha de determinada roupa pode dizer muito sobre a personalidade de quem a veste. Entretanto, nem sempre a roupa escolhida por alguém determinará quem é, socialmente, sexualmente, o indivíduo que a veste. Muito

¹ Mestranda do curso de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
E-mail: francielilk@yahoo.com.br

² Moda aqui está sendo entendida como roupa/vestimenta de um determinado período.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

embora a sociedade, em particular a brasileira, tende a julgar e excluir o indivíduo a partir da vestimenta, pois a sociedade já tem introjetada ideias pré-concebidas sobre determinados tipos de roupas.

Diante de tamanha relevância para o indivíduo, muitas vezes despercebida e ignorada pelo mesmo, faz-se necessário que seja dado o devido valor à vida social e subjetiva da roupa, sendo esta considerada um meio de registro da história e identificação dos sujeitos, pois, de acordo com Fraga (apud SILVEIRA, s/d, p. 02), “moda e literatura são dois instrumentos para escrever, contar a história”.

Cabe aqui ressaltar que a relação entre a autora deste estudo e a moda já se faz presente há algum tempo, sendo que esta prática, de maneira informal, a arte de vestir as pessoas e de registrar modelos da indumentária, principalmente feminina. Também não é recente a crença da autora na influência que a roupa exerce sobre a personalidade de seus usuários, sendo que o ditado popular ‘o indivíduo é o que ele veste’ faz sentido quando remetemos a questão identitária à moda.

E, a partir destes fatos e de estudos na área, se explica e se justifica o interesse em pesquisar as particularidades deste fenômeno social, o qual, antes de tudo, pode ser entendido como fator de construção e, paralelamente, de fragmentação da identidade do sujeito. Neste sentido, ou seja, por acreditar na importância da vestimenta dentro da sociedade, usamos a moda/roupa como base deste estudo. Para chegarmos ao nosso objetivo, nos utilizaremos da literatura, mais precisamente do conto *Essência*, de Luci Collin, como fonte de pesquisa a fim de analisarmos a influência da vestimenta no processo de fragmentação da identidade dos indivíduos pós-modernos.

Esta análise se caracteriza como estudo bibliográfico e será conduzida e respaldada por textos cujos temas abordam a questão da identidade e da moda e sua relação com a literatura. Utilizaremos os escritos de Stuart Hall e Kathryn Woodward, entre outros autores, os quais fazem uma abordagem sobre a identidade na pós-modernidade e da relação entre identidade e diferença. No que diz respeito aos estudos bibliográficos sobre a moda/vestimenta nos embasaremos na autora Gilda de Melo e Souza, a qual retrata o percurso da moda desde o século XIX; Diana Crane, a qual faz uma abordagem sociológica da vestimenta e sua relação com a identidade do sujeito; da teoria de Gilberto Freyre, que



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

também expõem em seu livro a questão social da moda, porém em outras perspectivas, entre outros autores.

2. Moda e literatura: uma relação possível

A literatura vem sendo estudada há muito tempo e em diversos prismas, sendo que a cada nova pesquisa descobre-se mais particularidades e afinidades com diferentes áreas do conhecimento. Neste sentido, “a literatura deixa de ser um amontoado de palavras e sons e estruturas linguísticas e passa a ser fonte de pesquisa e de apropriação dos mais variados campos do conhecimento humano” (SILVEIRA, s/d, p. 02). Nesta interdisciplinaridade entre literatura e os mais variados campos do conhecimento, surge outra possibilidade de relação, qual seja: literatura e moda.

Tanto literatura quanto moda são artes, há que se admitir que são artes, mesmo que, aparentemente, distantes. Primeiro por que esta se utiliza de um material distinto daquela para se manifestar. Segundo por que paira sob a sociedade uma visão, acredito, preconcebida da futilidade de moda, isto é, roupa não é algo que deva ser motivo de preocupação, pois qualquer “trapo” serve para o indivíduo se cobrir. Contudo, ainda que distantes, a literatura, por exemplo, é um caminho possível para se conhecer, entender a moda de um determinado período histórico e, a partir dessa moda, entender as estratificações sociais daquele período.

Porém, não só a literatura se serve das questões de moda para auxílio na elaboração de obras, mas temos a moda fazendo uso da literatura como fonte de inspiração para a criação de vestimentas e de coleções. “Personagens literárias transitam sem constrangimento pelas passarelas da moda, com sua força construída nas palavras ficcionais do texto literário. Talvez por isso a moda esteja tão fortemente necessitando da presença da literatura” (SALOMON, 2011, p. 111).

São vários os casos de coleções e desfiles baseados em aspectos literários ou, até mesmo, como forma de homenagem a obras literárias. Um exemplo disto é o estilista mineiro Ronaldo Fraga, que tem na literatura a base para suas criações, seja de forma explícita ou não. Uma de suas coleções, “*A cobra que ri*”, homenageou os cinquenta anos da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, além de “*Todo mundo e ninguém*”, inspirada em Carlos Drummond de Andrade e “*O turista aprendiz*”, baseada na obra de Mário de Andrade. O



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

estilista usa, entre outros aspectos, as cores, traços e elementos da natureza expressos nas obras como fonte de inspiração para compor suas coleções.

Penso ser extremamente natural que, por trás de uma Moda, exista Literatura, exista pesquisa e muito estudo do contexto em que se vive. Posso fazer uma roupa muda. Tenho knowhow para isso. Mas quero que a roupa fale, grite, opine. Proponho com a minha roupa a construção divertida de um personagem, e isso é muito literário (FRAGA apud SILVEIRA, s/d, p. 15).

Na literatura, a moda/roupa sempre forneceu subsídios relevantes para a construção dos personagens, caracterizando a identificação social, cultural e individual dos mesmos. Mais que contornar um personagem, suas roupas representam um desenho mais sólido de sua composição para o imaginário do leitor, dizem sobre quem é aquela pessoa de palavras. “E mais que a teatralidade com que escolhemos uma roupa ou deixamos de escolher, vestir-se e despir-se nos transforma, a nós, pessoas de carne, em personagens ao nosso modo” (VERUNSCHK, 2011).

Além disso, tanto na moda quanto na literatura encontramos um vínculo entre autor, obra e receptor, sendo que um não existe sem o outro. Na moda, geralmente, a aceitação ou não de uma coleção pelo público interfere diretamente na produção posterior das peças para a comercialização, acrescentando-se ou retirando-se características das mesmas. Da mesma forma “a literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CANDIDO, 2002, p. 84).

Moda e literatura, como explanado anteriormente, não são gêneros tão desconexos quanto aparentam ser. Da mesma forma, a moda, de acordo com pesquisas, está diretamente relacionada com questões identitárias, sendo que as vestimentas podem ser um poderoso instrumento para a criação de estilos que expressem a identidade do sujeito que as vestem. De acordo com Crane, “o consumo de bens culturais, como roupas da moda, desempenha um papel cada vez mais importante na construção da identidade pessoal” (CRANE, 2006, p. 38) e, como a moda é um processo de constante evolução, assim também as identidades se transformam, evoluem, fragmentam-se.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

No entanto, a moda, no decorrer de sua história, já desempenhou diversos papéis sociais, inclusive o de distinções entre as classes. Na sociedade do século XIX, como observa Souza, a vestimenta era o meio mais eficaz de demonstrar o pertencimento a uma classe social mais elevada, pois a roupa estava sempre em evidencia, oferecendo aos observadores a indicação do padrão de vida do sujeito. “A vestimenta é uma linguagem simbólica, um estratagema de que o homem sempre se serviu para tornar inteligíveis uma série de ideias como o estado emocional, as ocasiões sociais, a ocupação ou o nível do portador” (SOUZA, 1987, p. 125).

Cada classe social possuía sinais em sua vestimenta que caracterizavam o sujeito como pertencente desta: o tamanho das saias das mulheres, o comprimento ou largura dos sapatos dos homens, a extensão dos véus, mangas ou caldas (IDEM, 1987, p. 125). Segundo Souza

tais recursos, que a medida que se elevava na escala social se tornavam mais exagerados, teriam como objetivo demonstrar através do desconforto, a todos os observadores, que seu portador não estava empenhado em nenhuma espécie de trabalho produtivo e pertencia, por conseguinte, à classe privilegiada, à classe ociosa (SOUZA, 1987, p. 125)

Porém, é na sociedade contemporânea que a moda se tornou “ambígua e multifacetada, em concordância com a natureza altamente fragmentada das sociedades pós-industriais” (CRANE, 2006, p. 29). Assim como a moda, as identidades tornaram-se fragmentadas, sendo que o sujeito não é mais portador de uma única e estável identidade, mas de várias. Esta concepção de identidade está ligada ao sujeito pós-moderno, o qual, segundo Hall, “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

Para Lipovetsky, a moda é um dos espaços sociais em que os indivíduos conseguem exercer sua liberdade e sua maneira crítica de enxergar o mundo. Para o sociólogo, a moda é o resultado do desejo de afirmação de uma personalidade que cada ser possui. Desta maneira, a moda pode ser compreendida como um suporte para a criação da identidade social do indivíduo (LIPOVETSKY, 2009, p. 78).

O que o sujeito veste em determinada situação fala muito de seu estado de espírito, sobre sua identidade, visto que “o jogo em que a moda se configura tem como característica exteriorizar nossos sentimentos contraditórios” (SALOMON, 2007, p. 26). Desta forma,



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

entende-se que ao escolher determinada roupa, o indivíduo estará, intencionalmente ou não, expressando determinados aspectos de sua personalidade, expondo sua essência, seus valores. Igualmente estará fazendo um autor ao descrever as vestes de seus personagens, tentando representá-los de maneira que transmita ao leitor uma imagem mais próxima do real, visto que “a personagem de um romance é sempre uma configuração esquemática, tanto no sentido físico como psíquico, embora *formaliter* seja projetada como um indivíduo “real”, totalmente determinado” (CANDIDO, 2002, p. 33). De acordo com Barthes

o vestuário concerne a toda pessoa humana, a todo corpo humano, a todas as relações entre o homem e o seu corpo, assim como as relações do corpo com a sociedade; isso explica porque grandes escritores tantas vezes se preocuparam com o traje em suas obras. Encontramos belíssimas páginas sobre esse assunto em Balzac, Baudelaire, Edgar A. Poe, Michelet, Proust; estes pressentiam que o vestuário é um elemento que, de algum modo, compromete todo o corpo (BARTHES, 2005, p. 362).

A moda pode ser considerada uma ferramenta auxiliar na tentativa de compreensão de uma sociedade, de um povo, de uma época, de uma cultura. Da mesma forma, acredita-se que a moda pode contribuir na construção literária, dando forma aos personagens, não só na caracterização física dos mesmos, mas também moldando sua identidade na narrativa e facilitando a interpretação e compreensão do leitor diante da obra como um todo.

3. “Que vestido, afinal?”

A identidade do sujeito, que era considerada unificada e estável, tornou-se fragmentada, e este sujeito passou a ser composto de várias identidades, de modo que para cada espaço diferente fomenta-se a construção de uma identidade diferente. Segundo Lipovetsky (2009, p. 36) em tempos anteriores o sujeito tinha sua identidade pré estabelecida por seu local de nascimento e classe a que pertencia, sendo a sociedade da época pautada nas tradições e na religião.

Já na contemporaneidade, esta relação entre o sujeito e a identidade se dá por vivermos numa sociedade que cultua a liberdade de escolha, o individualismo, o estilo pessoal de cada um. Porém esta característica da pós-modernidade acaba refletindo numa



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

multiplicidade por parte do sujeito. Um sujeito que se veste de terno e gravata em seu trabalho, exalando autoridade e respeito é o mesmo que pratica algum esporte radical ou sai pra balada, por exemplo. Ou seja, um mesmo sujeito “veste-se” de várias identidades e, acredito, uma das principais formas de destaque destas identidades é a roupa que ele usa. Segundo Moita Lopes,

a natureza fragmentada das identidades sociais se refere ao fato de as pessoas não terem uma identidade social homogênea como se pudessem ser explicadas somente por sua raça, por exemplo. As identidades sociais são complexas: gênero, raça, classe social, sexualidade, idade, etc. coexistem na mesma pessoa (MOITA LOPES, 2002, p. 62).

Esta questão pode ser observada no conto *Essência*, da escritora paranaense Luci Collin³, no qual a narradora está a escolher um vestido para usá-lo em um evento e, durante este processo de escolha, a mesma cria uma identidade diferente para cada modelo e cor de vestido que possui. Em outras palavras, a narradora se “vestiria” de uma identidade diferente, conforme o vestido que elege para tal ocasião.

A moda ultrapassa o simples ato de cobrir-se, ou a função de proteção ou adorno. A roupa já não existe apenas como necessidade física ao corpo, mais que isso, a roupa passa a ser uma maneira de expressão do corpo, uma espécie de linguagem, por ela o sujeito consegue dizer quem é. De acordo com Barthes,

Isso leva a revisar um ponto de vista tradicional, à primeira vista dotado de bom senso, segundo o qual o homem inventou o vestuário por três motivos: proteção contra as intempéries, pudor (para ocultar a nudez), adorno (para se fazer notar). Isso é válido. Mas é preciso acrescentar outra função que me parece mais importante: a função de significação. O homem vestiu-se para exercer sua atividade significante. O uso do vestuário é fundamentalmente um ato de significação, além dos motivos do pudor, adorno e proteção. É um ato de significação, logo um ato profundamente social, alojado no próprio cerne da dialética das sociedades (apud SALOMON, 2011, p. 101).

³Luci Collin é Doutora em Letras pela USP. Recebeu premiações em concursos de literatura no Brasil e nos EUA. Mora em Curitiba e leciona Literaturas de Língua Inglesa na UFPR. Publicou diversos livros de poesias e de contos.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

No conto em questão, a narradora muda completamente de identidade a cada peça de roupa que cogita usar, de modo que as mudanças ocorrem desde o nome até o estado civil da mesma. De acordo com a narradora, se vestisse o vestido verde deveria se chamar “Gisela Eloah”, mas como teria que “ser decidida de mais” preferiu o rosa, com o qual se chamaria “Margareth” e seria viúva. “Não serei viúva! Sou casada com um político brilhante, envolvido num desses escândalos da moda. Não, para ser esposa de um político corrupto deverei usar o azul cobalto e mudar de nome” (COLLIN, 2004, p. 133). Assim se desenrola a trama, até que, após decidir, finalmente, em usar o vestido verde a narradora ainda tem a tarefa difícil de escolher o perfume: “Agora só falta escolher o perfume” (HALL, 2004, p. 137).

Esta situação vivida pela narradora do conto denuncia a concepção de identidade na pós-modernidade, a qual se diferencia da identidade do sujeito do iluminismo, considerada fixa e unificada; e da identidade do sujeito sociológico, que formava sua identidade por meio da “interação entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 11).

Com esta fragmentação da identidade surge o que Hall chama de “crise de identidade”, em que o sujeito já não encontra mais uma base, uma ancoragem na qual possa se identificar no mundo social (IBIDEM, p. 7). Nesse sentido, Hall defende que ao invés de falarmos de identidade como algo concluído, deveríamos falar de identificação, considerando-a como um processo em andamento, pois a identidade surge da insuficiência da totalidade, que é preenchida a partir do que nos é exterior.

Esta concepção de identidade do sujeito pós-moderno é consequência da globalização e da mudança da sociedade moderna, caracterizada pela diferença, isto é, a sociedade é marcada por diferentes divisões sociais que originam diferentes “posições de sujeito”, quais sejam, as identidades (IBIDEM, p. 17). Em outras palavras, a identidade é marcada pela diferença. Segundo esta afirmação, identidade e diferença são dependentes e inseparáveis, uma não existe sem a outra. De um modo geral, “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições” (WOODWARD, 2000, p. 41).

No conto analisado percebemos esta relação entre diferença e identidade, sendo que cada identidade criada pela narradora era relativamente diferente das outras que a mesma havia citado anteriormente, como vemos nos excertos: “Melhor usar o amarelo, mais simples, assim passarei por uma secretária de um advogado qualquer” (COLLIN, 2004, p. 134), e



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

usando outra roupa: “melhor o preto. Fico tão bem de preto! Meu nome com o vestido preto será Theresa Eimée. Saberei de cor os mais belos trechos de literatura eslava na Renascença.” (COLLIN, 2004, p. 136).

Além da relação estabelecida no conto entre as identidades criadas pela narradora e a diferença entre as mesmas, outro aspecto interessante e marcante no conto é o vínculo entre identidade e vestimenta. De acordo com Woodward, “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa” (WOODWARD, 2000, p. 10).

Ainda mais importante que essa relação entre a roupa que escolhemos usar e a sua influencia em nossa identidade é perceber a essencial razão pela qual nos vestimos, seja para alguém, seja por algum motivo ou para nós mesmos.

Neste sentido, percebemos que a narradora do conto analisado escolhe sua roupa – e sua identidade – procurando causar uma boa impressão nos demais convidados da festa. A cada roupa escolhida a mesma cria uma identidade e um possível comportamento que chame atenção dos demais a sua volta, como no caso de se vestir de amarelo e se chamar Leodegária: “Sou extremamente versátil, desinibida. Tenho um enorme encanto interior, uma chama... [...] Todos adoram, estão fascinados. Leo ri sem modos. As outras querem imitar, mas não tem talento” (COLLIN, 2004, p. 135). Ou quando, Theresa Eimée, veste-se de preto: “Quando eu passar pelos convidados eles sussurrarão palavras misteriosas. *Sotto voce*. O tom será de admiração profunda: “É ela!” (COLLIN, 2004, p. 137).

No conto, todas as identidades criadas pela narradora são fruto, primeiramente, da escolha da roupa que a mesma usaria, ou seja, a roupa era o ponto de partida para a criação ou escolha da identidade que assumiria. “Escolher tal peça de vestuário de preferência a outra talvez personalize uma pessoa, mas é, sobretudo, o fato de escolher que nos insere no conjunto da ordem econômica, social e cultural” (QUINTELA, s/d, p. 09).

Neste sentido, percebemos que a personagem do conto está a escolher uma roupa que lhe traga status, que lhe confira uma posição social elevada, como demonstram as identidades que a mesma cria em torno do vestuário que elege para tal ocasião. Usamos esta liberdade de escolha justamente com o intuito de ser aceito e parecer semelhante aos componentes de determinado grupo, ou seja, as escolhas que fazemos com relação às roupas “são reflexos das formas pelas quais os membros de grupos sociais e agrupamentos de diversos níveis sociais



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

vêm a si mesmos em relação aos valores dominantes, como enxergam a si mesmos em relação à imagem dos outros” (QUINTELA, s/d, p. 10).

Outra questão interessante é a cor citada em todas as roupas, ou melhor, em todos os vestidos que a narradora pensava em usar. No entanto, muito além da cor está a vestimenta, o estilo, o modelo da peça, pois mesmo sendo todas as roupas vestidos, imaginamos que cada um fosse diferente, alguns mais longos, outros curtos, outros decotados, com mangas, mais ousados ou mais discretos, até por que, dificilmente, alguma mulher teria tantos vestidos de diversas cores e de um único modelo.

4. Considerações finais

Durante este estudo, percebemos que o conto analisado trazia de forma bastante evidente a ligação entre a escolha da roupa e a (trans)formação da personalidade da personagem, sendo que a mesma “vestia-se” com identidades diferentes conforme trocava seu traje, usando a roupa como base deste processo.

Isto torna-se válido se retomarmos a discussão de que na modernidade as identidades não são mais fixas e imutáveis, mas fluidas e fragmentadas, onde o sujeito não possui somente uma identidade. Conseguimos conviver com várias identidades sem que haja conflito entre elas, ou seja, uma mesma pessoa pode manter sua identidade profissional no trabalho, de pai/mãe ou de cônjuge em casa, de amigo/companheiro de balada, etc.

Tal situação torna-se comum e corriqueira, pois a vida social na atualidade nos impõe essa variedade de formas de ser e de viver, visto que é possível encontrarmos a mesma pessoa várias vezes ao dia e esta se apresentar “uma outra pessoa” a cada encontro. Neste sentido a roupa ajuda a compor as identidades que a sociedade nos faz viver. “A roupa é componente das identidades que construímos para buscar estar mais próximo do que queremos ser ou do que queremos parecer” (QUINTELA, s/d, p. 19).

Sendo a autora do conto, Luci Collin, uma escritora contemporânea, sua obra fica, de certa forma, entendida como uma possível crítica com relação a essa fragmentação da identidade, ou a chamada “crise de identidades” que vivemos na atualidade.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

Referências

BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

CANDIDO, Antonio (*et al*). *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

COLLIN, Luci. *Inescritos*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. Cristiana Coimbra (trad.). 2.ed. São Paulo: Editora Senac, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro (trad.). 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Maria Lucia Machado (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

QUINTELA, Hugo Felipe. *A segunda pele: a linguagem das roupas, seus signos e a configuração da identidade social através do vestuário*. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1551>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

SALOMON, Geanneti Silva Tavares. *Moda e literatura: convergências possíveis*. Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo – V.4 N°2 dezembro 2011. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wpcontent/uploads/2015/01/08_IARA_vo14_n2_Artigo.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2017.

SALOMON, Geanneti Silva Tavares. *Registros realistas da moda como parte do jogo irônico em Dom Casmurro, de Machado de Assis*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

SILVEIRA, C. L. F. da. *Literatura e moda – uma abordagem intersemiótica: metafísica da indumentária à arte literária*. Disponível em <http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1314843654_45.pdf>. Acesso em 11/07/2013>. Acesso em: 15 jan. 2017.

STALLYBRASS, P. *O casaco de Marx: roupas, memória e dor*. Tomaz Tadeu da Silva (trad.) 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS:
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.134-145

VERUNSCHK, M. *Quando Moda e Literatura costuram juntas*. 2011. Disponível em <<http://www.musarara.com.br/quando-moda-e-literatura-costuram-juntas>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. da (org. e trad.); *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.